UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

DANIELA NOBRE DE LIMA

MULHERES ARTESÃS NA CONFECÇÃO DA RENDA RENASCENÇA NA ZONA RURAL EM PESQUEIRA-PE

CARUARU
2025

DANIELA NOBRE DE LIMA

MULHERES ARTESÃS NA CONFECÇÃO DA RENDA RENASCENÇA NA ZONA RURAL EM PESQUEIRA-PE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração do campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel(a) em Administração.

Área de concentração: Administração Geral e Métodos de Pesquisa.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Ana Márcia Batista Almeida Pereira

CARUARU

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima , Daniela Nobre .
Mulheres artesãs na confecção da renda renascença na zona rural em Pesqueira-Pe / Daniela Nobre Lima . - Caruaru, 2025.
52 : il.

Orientador(a): Ana Márcia Batista Almeida Pereira
Trabalho de Conclusão de Residência - TCR (Especialização) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, , 2025.
Inclui referências, apêndices.

1. Renda Renascença . 2. Trabalho feminino . 3. Artesanato . I. Almeida Pereira , Ana Márcia Batista . (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

DANIELA NOBRE DE LIMA

MULHERES ARTESÃS NA CONFECÇÃO DA RENDA RENASCENÇA NA ZONA RURAL EM PESQUEIRA-PE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração do campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel(a) em Administração.

Aprovado em: 14/04/2025

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr.ª Ana Márcia Batista Almeida Pereira (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof.ª Dr.ª Elisabeth Cavalcante dos Santos (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof.ª Dr.ª Myrna Suely da Silva Lorêto (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho

Dedico esse trabalho a Deus, por nunca desisti de mim, pois sem ele não seria possível chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por me permitir concluir essa etapa na minha vida. A minha família que sempre esteve comigo prestando apoio e incentivando, a minha mãe, que é a minha maior incentivadora nos estudos e em especial nesse, me direcionando e aconselhando quando precisei, sendo minha maior inspiração como mulher e mãe batalhadora. Ao meu pai, por sempre me proporcionar oportunidades de continuar os estudos e seu apoio quando decidi iniciar a graduação. A minha irmã, por nunca me deixar desistir dos meus sonhos e objetivos, sempre estando comigo desde criança e me fortalecendo desde então. Aos meus amigos e companheiros de graduação que me ajudaram, incentivaram e foram de grande importância na minha graduação e que irei levar para a vida toda. A minha orientadora Ana Márcia, por toda paciência desde o início, e pelo seu incentivo que me levaram a chegar no meu objetivo final. Agradeço a todos que fizeram parte dessa trajetória durante a graduação, em especial a todos os professores do Campos do CAA, que durante todas as discussões e ensinamentos, incentivaram e motivaram a ser não somente uma boa Administradora, como também um ser humano melhor, por meios das suas aulas e experiências vividas.

RESUMO

O trabalho percorre um caminho reflexivo acerca da Renda Renascença realizada pelas rendeiras da região de Pesqueira-PE. Essa pesquisa tem o objetivo de identificar o perfil das rendeiras, trazendo as características da organização da produção e confecção de suas peças, descrevendo os desafios postos a sua continuidade. A Revisão bibliográfica se concentrou nos estudos sobre trabalho feminino e sua inserção no mercado de trabalho, trazendo também conteúdo teórico em relação ao artesanato em geral, e origem da Renda Renascença em Pesqueira-PE. A pesquisa é de natureza qualitativa onde foi utilizada a técnica de entrevista, mediante aos resultados obtidos, foi identificado o perfil das mulheres rendeiras e desafios na confecção da renda, reconhecendo o papel da Renascença como geradora de renda por meio do trabalho feminino, resultando na necessidade de dinâmicas que melhorem a comercialização e participação dessas mulheres no mercado de trabalho local, a falta de políticas que gerem oportunidades para o desenvolvimento do artesanato na região é outro fator identificado como motivador posto a continuidade da confecção da renda na região, a análise do perfil das rendeiras também auxiliou no entendimento do processo de produção e o papel da mulher no fortalecimento da cultura local, enfrentamento dos desafios e valorização da história.

Palavras-chave: Renda Renascença; trabalho feminino; artesanato.

ABSTRACT

The work follows a reflective path about Renaissance Lace made by lacemakers in the Pesqueira-PE region. This research aims to identify the profile of lacemakers, bringing out the characteristics of the organization of production and making of their pieces, describing the challenges posed to their continuity. The bibliographical review focused on studies on female work and its insertion in the job market, also bringing theoretical content in relation to crafts in general, and the origin of Renda Renaissance in Pesqueira-PE. The research is of a qualitative nature where the interview technique was used, through the results obtained, the profile of women lace makers and challenges in making lace were identified, recognizing the role of the Renaissance as a generator of income through female work, resulting in the need for dynamics that improve the commercialization and participation of these women in the local job market, the lack of policies that generate opportunities for the development of handicrafts in the region is another factor identified as a motivator given the continuity of lace making in the region, the analysis of the profile of lacemakers also helped to understand the production process and the role of women in strengthening local culture, facing challenges and valuing history.

Keywords: Renaissance lace; women's work; crafts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Fases do processo de Produção da renda.....	34
Figura 2 -	Peça de Renascença Finalizada.....	35
Figura 3 -	Rendeiras fazendo a Renascença……	37
Figura 4-	Vestido de Renascença.....	45
Figura 5-	Aplicação de renda em Toalha.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das etapas da Pesquisa..... 26

Quadro 2- Perfil das Rendeiras…… 28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFPE	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 12

1.1 Contextualização do Tema e problema da Pesquisa..... 12

1.2 Pergunta da Pesquisa..... 14

1.3 Objetivo geral..... 14

1.3.1 Objetivos específicos..... 14

1.4 Justificativa da pesquisa..... 14

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 16

2.1 Trabalho Feminino no Brasil..... 16

2.2 O Artesanato em geral e a Renda Renascença..... 19

2.2.1 A origem da Renda Renascença em Pesqueira-PE..... 22

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... 24

3.1 Delineamento da pesquisa..... 24

3.2 Seleção dos sujeitos..... 24

3.3 Plano de produção do material empírico..... 24

3.4 Plano de análise do material empírico..... 26

3.5 Limitações da Pesquisa..... 27

4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS..... 28

4.1 *Perfil das mulheres que trabalham com a arte da Renda Renascença e sua inserção na Confecção da Renda..... 28*

4.2 *A organização da produção e do trabalho na Renda Renascença..... 34*

4.3 *Dificuldades enfrentadas pelas rendeiras na confecção da Renda Renascença e os desafios apontados por elas que interferem na sua continuidade..... 40*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 47

REFERÊNCIAS..... 49

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista semiestruturada..... 51

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo será apresentado os seguintes pontos: Contextualização do tema, onde abordaremos as transformações do trabalho feminino no Brasil e o surgimento da confecção da Renda Renascença no Nordeste brasileiro. Em seguida, caracterizar o perfil das mulheres rendeiras e a organização do trabalho, postos os desafios enfrentados na confecção da Renda Renascença. E por fim, a justificativa, que irá explicar a importância do presente estudo.

1.1 Contextualização do Tema e problema da Pesquisa

A partir dos estudos sobre o trabalho feminino, nas últimas décadas o papel da mulher na economia tem passado por transformações significativas. Mesmo com os avanços na inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil, ainda observamos um baixo aproveitamento do trabalho feminino, mediante as taxas de ocupação, que comparadas a de outros países ficam bem abaixo Barbosa (2014). Estudos como os de Bruchini (1994) e Odelli (2024), discutem sobre a participação da mulher no mercado de trabalho e o seu desenvolvimento profissional. No estudo de Odelli (2024), ela dá ênfase a sobrecarga que a mulher enfrenta em sua dupla jornada de trabalho, limitando as possibilidades de desenvolvimento profissional mesmo com a crescente participação feminina no mercado de trabalho, as mulheres ainda são as maiores responsáveis pelas atividades domésticas e cuidado da família. Essa realidade só reforça o que Buchini (1994), traz em seu estudo, apontando para as diferentes formas de incorporação da atividade feminina, sobre uma análise das oportunidades disponíveis no mercado de trabalho por região, articuladas com as responsabilidades familiares. Fatores como horários irregulares, ou integrais, deslocamento de casa até o trabalho, entre outras responsabilidades, dificultam o trabalho das mulheres que tem ocupações em seus contextos familiares, sobretudo quando sua escolaridade não é elevada.

O estudo de Odelli (2024), também aponta que essa realidade reforça estereótipos de gênero, e contribui para o avanço de desigualdades econômicas e sociais, interferindo no acesso de mulheres a cargos de liderança e ascensão profissional. O emprego doméstico no Brasil vem sendo reconhecido como uma

profissão atrelada em sua maioria, a mão de obra feminina, tornando-se um lugar estratégico para refletir sobre as articulações existentes entre os diferentes marcadores sociais da diferença (Barbosa, 2016).

Em Da Silva (2020), enfatiza que os estudos que abordam os marcadores sociais de gênero, classe, raça e etnia, vem aumentando cada vez mais. Mulheres de origens diferentes enfrentam desafios distintos, além disso, mulheres de classes sociais mais baixas podem ter acesso limitado a oportunidades de emprego e educação, o que impacta em sua trajetória profissional. O estudo de Barbosa (2016), também traz um pensamento em relação a significância que o artesanato tem. De acordo com o seu estudo, o artesanato brasileiro pode ser visto como uma ferramenta de geração de renda, trazendo melhoria de vida, geração de emprego para os moradores, turismo e serviços públicos, ainda pode ser um elemento de inclusão social, oferecendo possibilidades de profissionalização na atividade artesã, promovendo também um aumento da autoestima mediante a valorização do artesanato e sendo reconhecido como expressão cultural, pelos turistas, consumidores locais e do exterior. A Renda Renascença através de suas descendências passadas, se apresenta por meio dos métodos de transmissão do conhecimento popular, resgatando os saberes tradicionais promovendo o uso e a reciclagem de materiais. As técnicas ensinadas pelos ancestrais e as tecnologias que apoiam seu desenvolvimento proporcionam trabalho digno e melhor qualidade de vida para esses indivíduos Paulino (2021).

O estudo apresenta a renda Renascença como prática de saberes e vivências populares, destacando a sua passagem de cultura durante as gerações e sua forte participação socioeconômica para a população da cidade de Pesqueira-PE, e de como essa participação vem diminuindo ao longo dos anos, sofrendo com a desvalorização do artesanato e poucas publicações e estudos de cunho acadêmico voltados ao tema da Renda Renascença.

1.2 Pergunta da Pesquisa

Diante do exposto acima, a pergunta norteadora dessa pesquisa é: Quais são as características do trabalho feminino da Renda Renascença, e desafios postos a sua continuidade?

1.3 Objetivo geral

Caracterizar o trabalho feminino da Renda Renascença na zona rural do município de Pesqueira-PE, e desafios postos a sua continuidade.

1.3.1 Objetivos específicos

- Identificar o perfil das rendeiras e sua inserção na confecção da renda;
- Caracterizar a organização da produção e do trabalho na renda;
- Descrever os desafios postos à continuidade do trabalho com a renda apontados pelas pesquisadas.

1.4 Justificativa da pesquisa

Em uma busca na plataforma Spell por estudos sobre a Renda apenas um trabalho foi identificado, sendo este voltado a Análise sobre as Decisões de Compra de Produtos culturais, em um caso aplicado a Renda Renascença. Demonstrando uma escassez de trabalhos voltados a área da produção da Renascença, mediante as buscas em relação a confecção da renda Renascença em seu estudo, Paulino (2021), acentua que a Renascença é vista como uma identidade local indo além de uma função socioeconômica, ela deve ser vista como cultura e arte que perpetua ao longo dos anos atravessando as gerações. A discussão sobre o trabalho feminino tem ganhado espaço na organização da sociedade brasileira e tem ganhado cada vez mais intensidade no cenário atual. Fatores como a pobreza, o aumento das desigualdades sociais, a carência em determinadas regiões do Brasil e as diferenças na distribuição de renda são agravantes que influenciam as intenções e a atuação das políticas sociais no Brasil.

É importante que se tenha mais pesquisas e estudos voltados ao artesanato Brasileiro, atuando como um incentivador na prática e criação de políticas públicas voltadas as oportunidades de mercado para as artesãs. O debate sobre a informalidade traz uma luz sobre os conceitos das políticas que incentivam a criação e desenvolvimento do artesanato ao que se diz respeito da renascença, por isso, a importância da abordagem deste tema reside no fato de valorizar e dar continuidade à cultura de produção da Renda Renascença em Pernambuco, especialmente na região do Agreste, assim como de outros artesanatos no Brasil a fora, considerando que o desempenho desse trabalho artesanal enfrenta muitas dificuldades devido às mudanças sociais e geracionais, é fundamental que haja estudos que resgatem a riqueza da cultura do Agreste e de seu povo, promovendo não apenas a valorização cultural, mas também o crescimento econômico da região.

O presente estudo traz contribuições para a valorização da Renda Renascença na região, viabilizando o crescimento econômico local, incentivando na criação de estratégias que viabilizem o crescimento do mercado para essas mulheres, em especial das rendeiras da Zona Rural de Pesqueira, melhorando a sua participação em feiras e eventos que promovam o artesanato pelo Brasil. A partir disso o estudo buscar trazer as características das Rendeiras da Zona Rural de Pesqueira-PE, e suas contribuições, de modo que a partir da realização da pesquisa os marcadores sociais vão trazer para as rendeiras uma visão de mundo diferente da qual elas estão inseridas, reconhecendo os seus direitos e sua importância na valorização e permanência da cultura da Renascença, através dos seus ensinamentos que fazem parte da história. Por fim, outro ponto que levou ao interesse do estudo nessa temática, se dá pela própria vivência na confecção da Renascença, por ser um artesanato que fez parte da história da autora do estudo, através de um olhar que conhece bem esse artesanato e de como ao passar dos anos o artesanato local da Renascença vem apresentando fatores que podem ocasionar o seu fim, por isso de torna mais um motivador da pesquisa, na busca de ferramentas que valorizem e cultivem essas histórias. Por ser um artesanato que merece o reconhecimento, não apenas por um fator econômico, mas pela oportunidade de conhecer as histórias dessas rendeiras, através dos seus filhos, netos ou por meios de pesquisas e artigos que não só contribuam no desenvolvimento econômico, como também valorizem a beleza e delicadeza desse artesanato, sobre um olhar para essas mulheres e desafios que enfrentam para manter essa cultura viva.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta o referencial teórico que dá suporte para a elaboração dessa pesquisa, permitindo a contextualização do objeto de estudo e a análise da interpretação dos dados pesquisados. Logo, abordamos os conceitos necessários para subsidiar a caracterização do trabalho feminino da Renda Renascença na zona rural de Pesqueira-PE.

2.1 Trabalho Feminino no Brasil

Para entendermos um pouco sobre o trabalho feminino no Brasil, vamos iniciar com uma breve análise do papel que a mulher ocupa na sociedade. Alguns autores como Bruschini (2007), inicialmente focalizou seus primeiros estudos sobre trabalho feminino apenas na ótica da produção, sem levar em conta o lugar que a mulher ocupa na sociedade e seu papel no ambiente familiar. O debate tomou um novo rumo quando as pesquisas passaram a fazer articulações entre os espaços que as mulheres ocupam tanto o produtivo quanto o familiar, pois para essas mulheres a vivência do trabalho é a combinação desses dois ambientes, seja no meio urbano ou rural.

De acordo com Sardenberg (2004), desde meados dos anos 1970, com a volta do movimento feminista no Brasil e o crescente interesse com o intuito de melhor conhecer para melhorar e transformar a situação das mulheres brasileiras no mercado de trabalho, diversos estudos têm-se voltado para a análise do trabalho feminino. Esses estudos têm trazido de forma abrangente e significativa, outras pesquisas sobre outras sociedades capitalistas, que apresentam o nosso mundo do trabalho ainda segmentado e hierarquizado em torno do aspecto “sexo”. Evidenciando uma permanência da divisão sexual do trabalho nos moldes tradicionalmente existentes, em que as mulheres e os homens não se encontram em igualdade de condições de trabalho, onde as mulheres ainda ocupam cargos inferiores ao dos homens que desqualificam o trabalho feminino nas diferentes instâncias do mundo do trabalho, incluindo também algumas instituições formadas pelas classes trabalhadores e suas lutas sindicais.

Em Hirata (2002), a autora afirma que se nota um crescimento na participação das mulheres no mercado de trabalho, sendo essa participação na vida

econômica no mercado formal e informal, e em setores de prestação de serviços. No entanto, essa participação se traduz em empregos que estão em situação de precarização e vulnerabilidade, apontando os casos da Ásia, Europa e América Latina. “Alguns estudos anteriores sobre o trabalho feminino no Brasil são caracterizados por continuidades e mudanças” (Bruschini, 1998b). Por um lado, as continuidades falam a respeito do grande contingente de mulheres que se inserem no mercado de trabalho, em uma determinada área que se incluem as posições de trabalho menos favoráveis e precárias, trazendo à tona também as baixas remunerações, proteção social e condições de trabalho. São essas ocupações que foram dadas tradicionalmente às mulheres, “como o trabalho doméstico, atividades sem remuneração e as atividades para o consumo próprio e do seu grupo familiar” (Bruschini, 2000, p.68). No debate sobre trabalho feminino no Brasil é importante apontarmos para uma perspectiva feminista de gênero, que valorize e traga mais visibilidade para as mulheres. Em Sardenberg (2004) ele faz referência à importância de descobrir as mulheres além das estatísticas, não apenas se baseando em dados e informações, mas indo a partir de um olhar comparativo, em que esse olhar possa revelar as diversas realidades e histórias vividas pelas mulheres e homens em termos de oportunidades no mercado de trabalho, suas experiências e qualidade da sua inserção no mercado (Abramo, 1998, p.40).

Os estudos de gênero que são relativos às condições de trabalho feminino têm sido um dos assuntos que mais tem ganhado legitimidade, principalmente nas universidades brasileiras. Em Hirata (2002) ela aponta que isso provavelmente aconteceu por dois motivos: primeiro pelo fato do trabalho ser um tema que era predominante da teoria sociológica e, em segundo lugar, porque era um tema de grande importância para o feminismo, que traz em suas vertentes referências norte americanas e europeias, que influenciaram os movimentos de mulheres no Brasil, onde o trabalho remunerado era visto como uma estratégia de possível emancipação do seu papel de dona de casa no contexto familiar. Além disso Bruschini (1994) identifica que as condições econômicas da família direcionam e limitam as diferentes possibilidades de conciliação entre os afazeres domésticos e trabalho remunerado, em junção com o ciclo de desenvolvimento familiar. Tudo isso configura as características distintas ao trabalho feminino, mesmo quando mulheres e homens trabalham na mesma ocupação, estabelecendo bases que continuam reproduzindo as desigualdades de gênero no mercado de trabalho. A partir desse viés, apesar das

mudanças ainda há uma marcante divisão sexual bastante hierárquica no mercado de trabalho brasileiro, onde as mulheres em alguns casos permanecem em situação de desvantagem em termos de cargos, salários e prestígio social (Sardenberg, 2004).

Hirata (2006) registra que, a maioria dos empregos de ‘tempo parcial’ ou de ‘meio período’, geralmente são ocupados por mulheres em países capitalistas desenvolvidos, caracterizando que esses empregos femininos precarizados podem configurar futuramente o padrão de assalariamento do futuro, tanto para o sexo masculino quanto o feminino. Mesmo em meio ao processo de globalização e fortalecimento do feminismo não só no Brasil, mas no mundo todo, as atividades femininas continuam em sua maior parte em setores de saúde, educação e serviços sociais. De um ponto de vista amplo podemos observar dois extremos, por lado temos profissionais altamente qualificados, com salários bons no contexto de mão-de-obra feminina e, em outro extremo, temos as trabalhadoras com “baixa qualificação”, que tem tarefas de pouco reconhecimento e remunerações baixas (Hirata, 2002). Por isso, alguns autores dão ênfase à persistência e continuidade da divisão sexual do trabalho, mesmo com o processo de globalização e mudanças sociais e do mercado de trabalho, como é destacado:

> A persistência da divisão sexual do trabalho que ainda relega às mulheres a responsabilidade pelo cuidado com a família e com a casa impõe que essa dimensão seja analisada à parte, afinal, é um dos principais motivos da sobre representação de mulheres fora da força de trabalho, subocupadas e ocupadas em tempo parcial. (COBO, 2024, p.19).

Essa divisão sexual se manifesta em diversos ramos e setores do mercado de trabalho, gerando situações e experiências diferentes para homens e mulheres no trabalho. Em Sardenberg (2004 ele reafirma assim como outros autores, que a concentração feminina em algumas ocupações geralmente ainda são aquelas ligadas as atividades de mais baixa remuneração, em alguns casos estando desprotegidas pela legislação trabalhista, e entendidas como atividades que são uma extensão das atividades domésticas, que são tradicionalmente realizadas pelas mulheres. Nesse contexto, “poderíamos dizer que o emprego feminino é, em todos os países, mais precário e instável que o emprego masculino” (Hirata, 2006 p. 200).

Outro ponto ainda a ser analisado é a tendência da força do trabalho brasileiro por regiões, segundo Sardenberg (2004) podemos observar que as desigualdades de gênero, também refletem as desigualdades regionais. É perceptível que há diferenças

entre a força de trabalho feminina e a masculina nas diferentes regiões, no geral, observa-se que nas regiões Norte e Nordeste as condições de trabalho e vida da população masculina e feminina são mais precárias e difíceis do que nas demais regiões do país. A partir desse pensamento é importante enfatizar algumas diferenças sociodemográficas que existem entre as regiões do Brasil, que, sem dúvidas reverberam no mercado de trabalho e em suas condições de trabalho.

Alguns autores como Bruschini (2000) e Hirata (2002), entre outras pesquisas que são voltadas para o trabalho feminino na sociedade brasileira, ressaltam que ainda são muitos os questionamentos sobre os rumos da divisão sexual do trabalho no mercado, em especial sobre a precarização e instabilidade das condições de emprego e do trabalho, em relação a tudo que está direcionado e implicara diretamente no trabalho feminino. No entanto, existe um consenso de que ainda seria cedo para se ter determinadas previsões, numa análise geral, a globalização e restruturação produtiva não seriam suficientes para retratar a situação em sua amplitude, mas sim, uma análise que esteja munida de uma perspectiva de gênero.

2.2 O Artesanato em geral e a Renda Renascença

Segundo o Programa do Artesanato Brasileiro (2007), o Brasil é um país com um território continental onde suas variadas regiões têm diversas expressões culturais, por isso quando falamos de artesanato brasileiro estamos lidando com várias representações regionais. Por sua vez o Artesanato Brasileiro é um setor importante para a economia, cujo seu crescimento possui alto potencial de geração de trabalho e renda, de maneira mais descentralizada (Menezes, 2022).

De acordo com Albani (2020), as rendas manuais é umas das maiores representações do artesanato brasileiro, e sua produção está ligada aos conceitos de artesanato como identidade cultural de um determinado lugar, expressão da visão estética e do mundo das artesãs, colocando-se como opção ao mercado industrial podendo ser entendida como uma produção sustentável, por utilizar matéria prima não poluente e tempo de criação. Dessa forma, para Menezes (2022) é possível concluir que a expansão do artesanato como uma atividade econômica em determinados momentos pode trazer benefícios para a sociedade, como sustentabilidade, inclusão social, valorização de território, entre outros. Outro ponto positivo é que com o

aprimoramento profissional dos artesãos, por meio das capacitações e colaborações com outros setores, pode trazer melhorias e oportunidades para a cadeia produtiva, da qual faz parte como um todo.

Em Artesanato de Pernambuco (2019), ele apresenta que, a cultura pernambucana por si só é rica e se faz presente nas mais diversas manifestações. As expressões artísticas e o artesanato local representam em sua maioria as relações dos seres humanos com a história e suas tradições. Através das mãos dos artesões, a matéria prima é transformada em arte, representam e registram o modo de ser e da vivência do seu povo a partir da criatividade na produção artesanal surgem as mais variadas expressões, além de que o artesanato é considerado um patrimônio dos pernambucanos e uma atividade que se destaca na economia do estado. As atividades do artesanato em sua maioria estão englobadas num contexto social, e em muitas das vezes estão localizadas em pequenas cidades ou pequenos povoados na Zona Rural, onde suas tradições por meio de alguns indivíduos são preservadas. Em Albani (2020), ele identifica dentre as manifestações de artesanato na região Nordeste do Brasil, a produção de diversos tipos de rendas manuais como a Renascença e a Irlandesa. Essas são conhecidas e caracterizadas como rendas de agulha por serem constituídas por pontos que são costurados sobre uma base de papel, que são retiradas após a finalização do trabalho, cada uma se desenvolve de acordo com um determinado local e suas características, e vai se espalhado por toda região. A Renda Renascença tem sua maior representação na região do Cariri Paraibano, nas cidades de São João do Tigre, Camalaú e Monteiro e em outras cidades a parte de Pernambuco, nas cidades de Pesqueira e Poção.

As pessoas que possuem seus negócios em uma comunidade artesã no interior nordestino quase sempre se depara com problemáticas próprias, que interferem de forma significativa em seu modo de trabalho, diferentemente dos grandes centros de negócios nacionais e internacionais. Diante disso autores como Sá (2020), identifica que enquanto o artesanato permanecer como atividade periférica, será difícil imaginar ele enquanto negócio e tratado com a devida importância, compreendendo seus parâmetros no mercado global do século 21, ou das políticas públicas semelhantes ao discurso do empreendedorismo que em alguns casos, almejam a difícil tarefa de converter o artesão em empresário.

Outro ponto apresentado por Menezes (2022), onde ele ressalta um aspecto relevante, é que os processos produtivos dos artesãos em sua maioria historicamente

estão ligados a reciclagem e o seu aproveitamento, principalmente de materiais que são predominantes na região. A produção artesanal está diretamente ligada a ideia de sustentabilidade, muito antes que essas noções estivessem difundidas na sociedade como um todo. Contudo, segundo os diversos estudos as mulheres são apresentadas como protagonista na formação do fazer artesanal. No entanto Souza (2020), enfatiza que posteriormente a esse pensamento, podemos também observar a perda de espaço da mulher com o maior envolvimento de homens no ofício, logo após quando a atividade artesanal adquire aspecto de negócio, sendo este um estudo no caso da arte figurativa pós-Vitalino. Com o passar do tempo, surgiram novas técnicas de produção de grupos que dão constância a transferência do saber fazer e dão viabilidade a determinado capital social, mesmo que ainda não sejam reconhecidas por isso. Na busca para reconquistar o seu lugar no espaço produtivo, as mulheres se reafirmam como mestras artesãs instituindo uma forma de manutenção econômica diferente, mas ainda assim, algumas seguem sendo vítimas do machismo, onde ela pode exercer uma atividade que seja remunerada, mas que essa atividade se adéque a rotina de seu companheiro, ocupando um lugar inferior na família, em alguns casos as artesãs só conseguiram se desenvolver profissionalmente após o divórcio.

São diversas as dificuldades e desafios que os artesãos enfrentam, como aponta Albani (2020), um dos maiores desafios para as rendeiras é a comercialização das suas peças, antes elas realizavam expedições para outras cidades com o objetivo de oferecer as peças, há também as feiras livres em algumas regiões que são suas maiores oportunidades de negócio, sendo elas em locais fixos e que acontecem geralmente em finais de semana. Algumas políticas públicas também foram criadas no final do século XX, voltadas para a preservação do fazeres artesanais e suas tradições, incentivando e ofertando assistência na criação de associações e cooperativas que desenvolvesse economicamente a comunidade e preservasse a história.

Em Albuquerque et al., (2007), propõe que ao analisarmos a renda como uma atividade de mulher, revela-se algumas características que são consideradas como próprias das rendeiras, atributos que ao longo das construções sociais são consideradas características femininas, e de cunho feminino como, delicadeza, paciência, destreza com suas mãos, qualidades estas que são necessárias para quem trabalha com agulha e linha, que são instrumentos necessários para a confecção da

renda. Na confecção da renda renascença essa adaptação segue a mesma linha de pensamento, sendo este um fator em comum com os diversos artesanatos no Brasil. No geral alguns pontos fazem pensar que, essas mudanças de mercado e novas formas de trabalho assim como um dia foram para a confecção da renda Renascença uma nova forma de se trabalhar, agora essas mudanças são para a nova geração um novo olhar para o mercado de trabalho, de certa forma contribuído para a saída dessa nova geração da confecção, não só da Renda Renascença, como também de vários outros artesanatos pelo Brasil.

2.2.1 A origem da Renda Renascença em Pesqueira-PE

A cidade de Pesqueira, situada aos pés da Serra de Ororubá em Pernambuco, tem suas origens na fazenda fundada por Manoel José de Siqueira no ano de 1800. Esta área, que começou como um povoado, evoluiu para uma cidade próspera por volta de 1880, impulsionada inicialmente pela pecuária e pelo comércio (Silva, 2013). No século XX, Pesqueira se destacou como um centro industrial, mas após os anos 1950, observou-se um retorno às práticas artesanais, com a Renda Renascença se destacando como um importante meio de subsistência para as mulheres da região.

As freiras francesas da Congregação Filhas da Caridade introduziram a Renda Renascença no Nordeste brasileiro no início do século XX, inicialmente no Convento de Santa Teresa em Olinda. Esta arte se espalhou para Pesqueira e Poção na década de 1930, tornando-se uma fonte vital de renda para mulheres e meninas de famílias humildes que buscavam complementar o sustento familiar através do artesanato (Nóbrega, 2005; Silva, 2013). Pesqueira e Poção são consideradas berços da Renda Renascença, com Poção ganhando destaque como um dos maiores produtores desta arte no país. A cidade se consolidou como um importante centro para a preservação da técnica, com a renda sendo reconhecida como um patrimônio imaterial nacional. No entanto, as condições de trabalho das mulheres artesãs são desafiadoras, marcadas por longas jornadas e remuneração muitas vezes inadequada. A falta de capacitação profissional e as dificuldades de comercialização dos produtos são obstáculos significativos no desenvolvimento dessa atividade (Cobo; Oliveira, 2024).

A renascença tradicionalmente branca, também ganha outras cores e formas em seus traços e desenhos, ela vem ganhando cada vez mais versatilidade de cores, antes feitas apenas na cor branca, agora também e feita nas cores azul, verde, rosa

e até mesmo coloridas, devido à procura de consumidores que buscam personalizar suas peças de acordo com o seu gosto, a renda se consolida pelas mãos das rendeiras nordestinas, que vão repassando sua arte de geração em geração, com o lacê, linha e agulha, as renderias conseguem confeccionar, roupas, acessórios para as donas de casa, toalhas, lençóis entre vários outros itens. A Renda Renascença, como destaca Paulino (2021), é reconhecida pela sua beleza e pela complexidade do processo produtivo que a envolve, sendo considerada uma arte de alta qualidade. Essa renda, produzida principalmente por mulheres no semiárido nordestino, é um reflexo das habilidades manuais e da criatividade das rendeiras, que se dedicam a um processo longo e detalhado para criar peças únicas. A complexidade do processo de fabricação da Renda Renascença não está apenas na técnica, mas também na necessidade de um profundo conhecimento das matérias-primas e dos métodos utilizados, que vão além de uma simples habilidade artesanal, sendo uma verdadeira expressão cultural do Nordeste (Paulino, 2021). A habilidade manual e a criatividade das artesãs locais foram fundamentais para o desenvolvimento e aprimoramento dessa arte, que se tornou uma marca registrada da região, a riqueza cultural presente na confecção da Renda Renascença reflete a diversidade étnica e histórica do povo pesqueirense (Oliveira, 2020).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como objetivo detalhar os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, sendo a metodologia um conjunto de técnicas que deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática (Minayo, 2002).

3.1 Delineamento da pesquisa

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa. Segundo Creswell (2007) a pesquisa qualitativa agrega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta de dados, as estratégias escolhidas no projeto de pesquisa qualitativa terão grande influência nos procedimentos de investigação podendo não ser uniformes. Quanto aos fins, caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa descritiva, que busca caracterizar o trabalho feminino da Renda Renascença na zona rural do município de Pesqueira-PE e os desafios postos a sua continuidade.

3.2 Seleção dos sujeitos

A seleção dos sujeitos da pesquisa foi estipulada de acordo com o critério de acessibilidade, segundo Vergara (2000), foi possível em virtude de a pesquisadora possuir experiência no artesanato da Renda Renascença e manter vínculo de amizade e familiares que dão continuidade à tradição da confecção da Renda Renascença. Logo, as pesquisadas foram oito mulheres artesãs selecionadas a partir dos critérios de acessibilidade e disponibilidade para participarem da pesquisa. As entrevistadas são todas moradoras da zona rural de Pesqueira, a escolha foi feita com a intenção de representar a diversidade de experiências dentro do contexto da produção artesanal de Renda Renascença.

3.3 Plano de produção do material empírico

A coleta do material empírico ocorreu em duas fases: a primeira teve caráter

exploratório por meio de entrevistas, como explica Vergara (2006) a entrevista é realizada a partir de um procedimento onde as perguntas são feitas oralmente, sendo importante a presença física de ambos ou podendo ser substituída por meio de mídias interativas. No caso das rendeiras as entrevistas foram realizadas por meio do contato direto com o campo, através de entrevistas semiestruturadas e observação direta dos espaços de produção, por se tratar de uma pesquisa qualitativa utilizou-se a técnica de coleta de dados por meio de entrevistas, observação e registros visuais.

Foi realizada a revisão bibliográfica dos temas centrais com uso de artigos, e pesquisas em busca de recuperar historicamente o trabalho feminino na Renda Renascença em Pesqueira-PE, nessa fase foram realizados os fichamentos e as anotações, que deram seguimento para a construção e compreensão do objeto a ser estudado, ao mesmo tempo em que houve conversas informais com algumas mulheres que produzem a Renda Renascença, sem o uso de roteiro previamente planejado. As visitas foram feitas aos locais que obtinham concentração de rendeiras na cidade de Pesqueira, nas casas das rendeiras que confeccionam a renda em grupo e individualmente. Foram realizadas observações e anotações dessas conversas informais com as rendeiras, observando também como elas realizam a confecção da peça de Renascença, desse modo foi obtido um conhecimento prático das técnicas utilizadas pelas rendeiras, que, em seguida, seria de extrema importância para a construção do referencial teórico e posterior identificação do perfil dessas mulheres e mercado de trabalho no qual elas estão inseridas.

Na segunda fase foram realizadas as entrevistas semiestruturadas por meio de roteiro elaborado, de acordo com os objetivos da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com agendamento prévio, através de contato direto com as entrevistadas, buscando a disponibilidade delas e o consentimento para a participação na pesquisa e garantia total de sigilo quanto às informações disponibilizadas. As entrevistas foram realizadas nos dias 29 de março e 30 de março de 2025, em média as entrevistas tiverem entre 20 e 31 minutos de duração, um total de 4 horas e 30 minutos. Durante essa fase das entrevistas, foram realizadas visitas às casas das rendeiras fazendo o contado direto, foi autorizado pelas pesquisadas a gravação de áudios e registro de fotos durante as entrevistas, que são de suma importância para a contextualização, e posteriormente a análise dos dados coletados, trazendo um potencial enriquecedor para a pesquisa. A seguir, o quadro 1, apresenta a síntese das etapas da pesquisa alinhados aos objetivos específicos:

Quadro 1 - Síntese das etapas da pesquisa.

Objetivos específicos	Sujeito/fontes Critérios de seleção	Produção do material empírico
1.Identificar o perfil das Rendeiras e sua inserção na confecção da renda;	Rendeiras da Zona Rural de Pesqueira-PE Seleção da entrevista: acesso	Entrevista semiestruturada Observação direta
2. Caracterizar a organização da produção e do trabalho na renda;	Rendeiras da Zona Rural de Pesqueira-PE Seleção da entrevista: acesso	Conversas informais (fase exploratória) Observação direta
3. Descrever os desafios postos à continuidade do trabalho com a renda, apontados pelas pesquisadas.	Rendeiras da zona Rural de Pesqueira-PE Vista ao local de produção da Renascença (casa das Rendeiras)	Entrevista semiestruturada Observação direta

Fonte: Adaptado Pereira (2017, p.42)

3.4 Plano de análise do material empírico

De acordo com Creswell (2007) a análise de dados é organizada por categorias e por ordem cronológica, revisadas repetidas vezes e codificadas continuamente. Esses dados serão a base na decodificação das informações fornecidas pelos sujeitos, por meio das entrevistas realizadas, anotações e observação direta feita pela pesquisadora, as categorias de análise serão definidas a partir das respostas das participantes, focando em temas recorrentes e em aspectos que emergem da experiência de cada uma das artesãs.

No primeiro ponto, foi realizada a transcrição das entrevistas para organizar os dados para a análise, tomando nota das transcrições e classificando as informações de acordo com os objetivos específicos. Durante o processo foi possível extrair os dados necessários para a análise, mediante aos textos e imagens subsequentes de uma observação direta, podendo compreender de forma mais significativa os dados e apresentá-los de forma coerente. Foi realizado um levantamento das rendeiras que poderiam participar das entrevistas, em seguida a partir da revisão bibliográfica foi elaborado o roteiro da entrevista semiestruturada, durante as entrevistas com o consentimento das rendeiras, foi possível tirar fotos dos trabalhos feitos por elas, de como elas trabalham e dos materiais utilizados na produção. Foi utilizado para os

registros, a câmera do celular e gravador de voz, que também foi utilizado no momento das entrevistas.

3.5 Limitações da Pesquisa

Apesar de os esforços para garantir uma amostra representativa e uma análise detalhada, a pesquisa apresenta algumas limitações. Primeiramente, o planejamento prévio não foi adequado o que ocasionou em uma quantidade reduzida de participantes que pode restringir os resultados, o que também gerou impacto na disponibilidade de tempo de campo, que foi relativamente curto para se obter uma análise mais aprofundada de todas as dinâmicas que envolvem a produção da Renda Renascença. Ao final da pesquisa, espera-se trazer à tona uma compreensão mais profunda das práticas de produção artesanal na zona rural de Pesqueira e o impacto dessas práticas na vida das mulheres envolvidas, além disso, a pesquisa visa contribuir para o debate sobre a sustentabilidade do artesanato tradicional e as possíveis estratégias para sua valorização e preservação.

4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo será apresentado a análise detalhada do material empírico coletado durante a pesquisa de campo, com a finalidade de responder aos objetivos estabelecidos para este estudo. A análise será dividida em três tópicos principais: inicialmente buscamos a caracterização do perfil das mulheres que trabalham com a arte da Renda Renascença na zona rural de Pesqueira, e suas experiências na confecção da renda, em segundo lugar, a caracterização do processo produtivo da renda Renascença e, por último, identificar e detalhar os desafios do trabalho com a renda apontados pelas rendeiras em seus relatos.

4.1 Perfil das mulheres que trabalham com a arte da Renda Renascença e sua inserção na Confecção da Renda

O perfil das mulheres que trabalham com a arte da Renda Renascença na zona rural de Pesqueira é bastante diversificado, mas algumas características comuns emergem a partir das transcrições das entrevistas. As participantes variam em termos de idade, nível de escolaridade tempo de experiência com a renda e envolvimento com outras atividades produtivas, como agricultura ou cuidados familiares. As entrevistadas desta pesquisa são constituídas por oito mulheres que participam diretamente do processo de produção da confecção da renda, conforme apresentado no quadro 2:

Quadro 2- Perfil das Rendeiras

Nome	Idade	Cor/raça	Nível de Escolaridade	Estado Civil/Filhos	Tempo na Confecção	Gênero	Naturalidade
RN 01	26 Anos	Parda	Ensino médio/ Ensino superior incompleto	Solteira	Desde os 12 Anos (14 Anos)	Feminino	Pesqueira
SN 02	53 Anos	Morena	Até a 5º Serie do fundamental	Casada e com duas filhas	Desde os 24 Anos	Feminino	Buíque
MJ 03	43 Anos	Branca	Ensino médio completo	Casada e com 3 filhos	Desde os 15 Anos	Feminino	Pesqueira
ST 04	38 Anos	Branca	Ensino médio Completo	Casada e com 3 Filhos	Desde os 13 Anos	Feminino	

							Poção
ME 06	82 Anos	Morena/indígena	Analfabeta	Viúva e com 16 filhos	Desde os 61 Anos	Feminino	Buíque
LM 07	56 Anos	Morena	Analfabeta	Viúva e com 5 filhos	Desde os 30 Anos	Feminino	Buíque
ES 09	27 Anos	Morena	Ensino Médio completo	Casada	Desde os 15 Anos	Feminino	Pesqueira
MT 10	54 Anos	Morena	Até a 6ª série do ensino Fundamental	Divorciada e com 4 filhos	Desde os 41 Anos	Feminino	Buíque

Fonte: Elaboração Própria, 2025.

Mediante a análise do quadro, podemos observar e caracterizar o perfil dessas mulheres rendeiras. Em relação a faixa etária, foram identificadas mulheres que iniciaram desde os seus doze anos, caracterizando o trabalho infantil na confecção da renda, e de como as crianças ainda pequenas são inseridas no processo de produção da Renascença. Foram identificadas também mulheres de idade avançada com oitenta e dois anos e que ainda se encontram inseridas na confecção da renda. Estabelecendo um parâmetro onde a inserção da mulher na renda está localizada em todas as idades, retratando a flexibilização desse artesanato. Mas apesar dessa vasta diversidade de idade, foi possível identificar outros fatores que contribuem para essa análise, como o nível de escolaridade das entrevistadas.

Ao analisar as informações, ficou nítido que em sua maioria as rendeiras na faixa etária dos 50 anos acima, não concluíram seus estudos, e a princípio não iniciaram muito cedo na confecção da renda, como é apresentado pelos relatos das rendeiras SN 02, ME 06, LM 07 e MT 10:

> Bem, minha filha eu sou daqui de Pesqueira né. Mas não sou natural, eu venho da cidade de Buíque, meu nome é SN 02, eu tenho 55 anos, sou casada e tenho duas filhas. Eu me identifico como morena, sou de cor morena, né. E meu nível de escolaridade, bem, eu não terminei os meus estudos, só fiz até a quinta série do fundamental, e nunca concluí meus estudos. (rendeira SN 02, entrevista em 29 de março de 2025).
>
> Me apresento sim minha filha! Meu nome é ME 06, eu sou de Buíque, minha terra natal, vim morar aqui em Pesqueira tá com uns 30 anos já, eu vim junto com meu marido e meus filhos, tenho 82 anos de vida bem vivida, já velha foi que aprendi a escrever meu nome, mas estudo mesmo, nunca tive. (rendeira ME 06, entrevista em 30 de março de 2025).
>
> Boa tarde, né? Primeiramente, meu nome é MT 10. Como você perguntou, né? Minha escolaridade é até a sexta série do Fundamental. Não concluí meus estudos, a gente tinha que escolher ou trabalhar ou estudar, e nosso pai incentivava mais a trabalhar. Eu sou natural de Buíque, não sou daqui da cidade pesqueira, vim morar aqui há uns 30 anos atrás. Tenho 54 anos, agora

> sou divorciada, tive com esse meu ex-marido três filhos, um menino e duas meninas e tive de um relacionamento por fora, mais um outro menino, meu menino mais novo. E sou de cor morena, puxei né a minha mãe. (rendeira MT 10, entrevista em 30 de março de 2025).
> Meu nome é LM 07, mas todo mundo me chama de luza. Eu sou natural de Buíque, vim aqui pra pesqueira eu tinha 25 anos, mas logo me casei e fui morar em São Paulo, passei uns cinco anos lá e voltei aqui pra pesqueira e não sai mais. Eu tive 5 filhos, quatro meninas e um menino, fiquei viúva tá com dois anos, e hoje vivo por aqui e pretendo ficar até eu morrer. [...] eu completei agora 56 anos, e nunca findei meus estudos, eu ainda sei ler um pouquinho e escrever meu nome, mas nunca findei os estudos. (rendeira LM 07, entrevista em 30 de março de 2025).

Em sua maioria essas rendeiras apresentam um perfil de mulheres casadas, com filhos e que são donas de casa, e com um nível de escolaridade baixo, tornando-se um fator surpreendente quando comparadas a realidade de mulheres rendeiras que se inseriram mais jovens na confecção da renda e conseguiram concluir seus estudos e até mesmo concluíram uma formação profissional, como é no caso da rendeira ES 09, apresentado em seu relato:

> Bom, eu me chamo ES 09, eu sou atualmente casada, tenho 27 anos. Não tive filhos ainda! Sobre meu nível de escolaridade, eu terminei o ensino fundamental e o médio, e o meu médio com formação em magistério. Como não temos filhos ainda, somos só eu e meu marido aqui em casa, (rendeira ES 09, entrevista em 30 de março de 2025).

Em contrapartida poderíamos identificar, que o fato de a rendeira ter uma qualificação profissional maior, pode ser considerando um fator que agrega valor ao artesanato por ela feito, identificando que a renda vai além de um artesanato que é apenas feito por mulheres, inicialmente sem escolaridade e de uma região mais pobre. Além do fator ‘’dona de casa”, onde a entrevistada relata ainda não ter filhos, o que poderia ser ou não um indicador que há levaria a desistência do artesanato, ou até mesmo sua inserção no mercado de trabalho formal. Em sequência temos os relatos das rendeiras ST 04 e MJ 03, que se assimilam com a realidade da rendeira ES 09, como podemos ver nos relatos a seguir:

> Meu nome é MJ 03, sou de Buíque, vim morar aqui em Pesqueira ainda era muito criança, nem me lembro direito de quando chegamos aqui. Eu tenho três filhos, sou casada, sou casada há bastante tempo, já faz uns 20 anos, eu me considero branca, e consegui terminar meus estudos, eu consegui fazer meu ensino fundamental e o médio, né! Concluí, consegui concluir. Eu atualmente tenho 43 anos e comecei a fazer a renda, acho que desde os meus 15 anos de idade que eu faço. (rendeira MJ 03, entrevista em 30 de março de 2025).
> Eu me chamo ST 04, tenho 38 anos, sou casada há17 anos, tenho 3 filhos e estou grávida no meu quarto filho, graças a Deus! Eu sou de Poção, eu vim morar aqui ainda criança, mas sou de Poção! [...] Bom, eu sou do gênero feminino, e meus estudos eu terminei, comecei a faculdade de magistério,

> mas não terminei, depois que casei ainda tentei, mas não consegui concluir. (rendeira ST 04, entrevista em 29 de março de 2025);

Mediante a isso, percebemos que apesar de a rendeira ES 09, não ter filhos, diferentemente das rendeiras ST 04 e MJ 03, mesmo com sua formação profissional ela opta por continuar na confecção da renda, indicador esse que pode ser atribuído a várias perspectivas, como oportunidades no mercado de trabalho e a desigualdade de gênero enfrentada pelas mulheres, ou até mesmo a valorização da cultura da renascença na região, sendo estes marcadores que contribuem para uma análise mais ampla sobre o assunto. Ainda em sua amplitude, temos as rendeiras que não estão encaixadas como dona de casa, não são casadas e não tem filhos, que possivelmente tem uma visão de mercado diferente das demais, e que estão inseridas na confecção da renda, seja por influência familiar ou por questões econômicas. Essas rendeiras iniciaram ainda muito jovens na confecção, e tem uma visão de mundo que ainda está sendo ampliada, construída socialmente, podemos fazer uma breve reflexão a partir do relato da entrevistada, RN 01:

> Boa tarde! Eu me chamo RN 01, e tenho 26 anos, sou sim natural aqui de Pesqueira, até o momento não tenho filhos e sou solteira, eu me considero uma pessoa de cor parda e já conclui o meu ensino fundamental e médio, atualmente estou na graduação faço o curso de enfermagem, mas não concluí ainda. (rendeira RN 01, entrevista em 29 de março de 2025).

A rendeira RN 01, diferente das anteriormente apresentadas não está inserida no contexto da “dona de casa”, ela não é casada e não tem filhos. O que leva a pensar que sua visão dentro e fora do artesanato pode ser moldado de acordo com os possíveis indicadores que podem surgir ao longo do tempo, como escolaridade, nível de desemprego, oportunidades de mercado para as mulheres etc. É claro, não presumindo que esses indicadores possam levar a saída da rendeira RN 01 da confecção da renda, mas sim de que os fatores motivacionais que fazem com que ela permaneça possam ser diferentes das demais. A participação das rendeiras na confecção da renda em alguns casos se dá ainda muito jovem, essa participação na maioria das vezes é influenciada pelas mães, avós e tias, o que em alguns casos se torna um fator que motiva a continuação da rendeira na confecção, não só desse artesanato, como de tantos outros pelo Brasil. A cultura familiar é um princípio muito importante na valorização e continuação da história desses artesanatos, e se torna também muito importante como fator econômico e desenvolvimento financeiro familiar.

A partir disso abordaremos a inserção das entrevistadas no mundo do trabalho e seus primeiros contatos com a confecção da Renascença, seu perfil e experiências vividas. A maioria das entrevistadas revelou que a confecção da Renda Renascença é uma atividade essencial para sua sobrevivência financeira, especialmente em uma região onde as opções de emprego formal são limitadas, economicamente, a renda proveniente do artesanato desempenha um papel fundamental no sustento de suas famílias, sendo muitas vezes a principal ou uma significativa fonte de renda complementar. No entanto, a renda das rendeiras pode ser bastante variável, dependendo de fatores como a demanda de mercado e a capacidade de alcançar consumidores fora da região local. Em Bruschini (1994) ela enfatiza que as condições econômicas da família direcionam e limitam as diferentes possibilidades de conciliação entre os afazeres domésticos e trabalho remunerado ao longo da sua vida. As rendeiras da zona rural em particular precisam se articular entre os afazeres de casa e as atividades artesanais, muitas delas também ainda desenvolve atividades na agricultura para sustento alimentar da família ou para ajudar seus maridos e filhos.

Muitas delas começaram a aprender a técnica ainda na infância, com suas mães ou avós, e a prática se tornou uma forma de complementar a renda familiar ou, em alguns casos, a única fonte de sustento. De acordo com os relatos, as experiências e as habilidades adquiridas ao longo dos anos são transmitidas de geração em geração, o que fortalece os laços familiares e culturais, como relata a Rendeira ST 04:

> No começo eu via minha mãe e minhas outras 2 irmãs fazer, minha mãe foi me incentivando a fazer também, elas faziam a maior parte e eu só fazia algumas coisas, eu comecei a fazer acho que eu tinha uns 13 pra 14 anos. Eu me lembro que naquela época, a maioria das meninas na escola que eu estudava também faziam. (Rendeira ST 04, entrevista em 29 de março de 2025).

As mulheres artesãs encontradas nessa região desempenham um papel importante na manutenção e valorização da renascença, principalmente da zona rural, são eles que através dos seus esforços diários tem dado continuidade na cultura regional da confecção da Renascença. Essas artesãs em sua maioria, provêm de famílias modestas onde a tradição do artesanato é repassada de mãe para filha, a habilidade de criar rendas é ensinada por mães e avós, cultivando uma destreza que só é aperfeiçoada com anos de prática dedicada, como foi relatado pela rendeira LM 07:

> Logo quando a gente começou todas as minhas irmãs fazia, mas agora só tem eu e mais umas duas que faz. A renda não tem bicho de sete cabeças, é

> fácil de aprender a fazer, eu mesma aprendi rápido e ensinei as minhas quatro meninas a fazer também. (rendeira LM 07, entrevista em 30 de março 2025).

As condições de trabalho para essas mulheres muitas vezes refletem os desafios típicos enfrentados por artesãos ao redor do mundo. Como relata Bruschini (2000) e Hirata (2002), há muitos questionamentos sobre a divisão sexual do trabalho no mercado, e tudo que implica diretamente no trabalho feminino. Muitas rendeiras trabalham em casa, em espaços adaptados que frequentemente misturam a vida pessoal com a profissional, e as longas horas de trabalho manual onde muitas das vezes as condições de trabalho são difíceis, e as mulheres precisam se articular entre os serviços da casa e o fazer a renascença. Dito isso, podemos observar a partir do relato das entrevistadas SN 02 e ST 04, como a Renascença tem sido um fator importante na estabilidade financeira das suas famílias:

> [...] Eu posso fazer uma rendinha aqui, aí depois vou ali, faço um trabalho na roça, mesmo ganhando pouco, eu vou ganhando meu extra, né? Vai aumentando minha renda e eu consigo trazer minhas coisinhas para dentro de casa. Com o dinheiro da Renascença eu ajudo na renda do meu marido, que trabalha no campo, e no tempinho que eu tenho livre, eu consigo fazer. Então, A minha maior motivação é ganhar meu dinheirinho extra com a renda. (Rendeira SN 02, entrevista em 29 de março de 2025).
>
> Eu tenho uma média por mês, eu consigo desmanchar duas peças de lacê e três novelos de linha, porque minha filha mais velha me ajuda com os serviços de casa, então tenho um tempo a mais, mas ainda tem a minha menina mais nova que toma muito do meu tempo, porque daria pra fazer mais. Veja só, uma peça só pequena demora uns 15 dia pra fazer, você fazendo durante uma tarde toda por exemplo. Mas sempre aparece alguma coisa pra gente fazer, então não consigo fazer a tarde toda. (rendeira ST 04, entrevista em 29 de março de 2025).

Como podemos observar, em alguns casos as rendeiras precisam se articular para conseguir entregar a Renascença, durante a análise ficou perceptível que a maioria das rendeiras em seus contextos familiares são porventura, não apenas contribuintes em suas atividades do lar, como também contribuem de forma financeira nas despesas da casa, sendo essa contribuição apenas de forma adicional na renda de seu marido, ou até mesmo incentivando as suas filhas a fazerem. De fato, o fator econômico é um ponto que foi de grande relevância para a análise das entrevistas, podendo ser destacados alguns pontos como, a importância[1] do papel da mulher

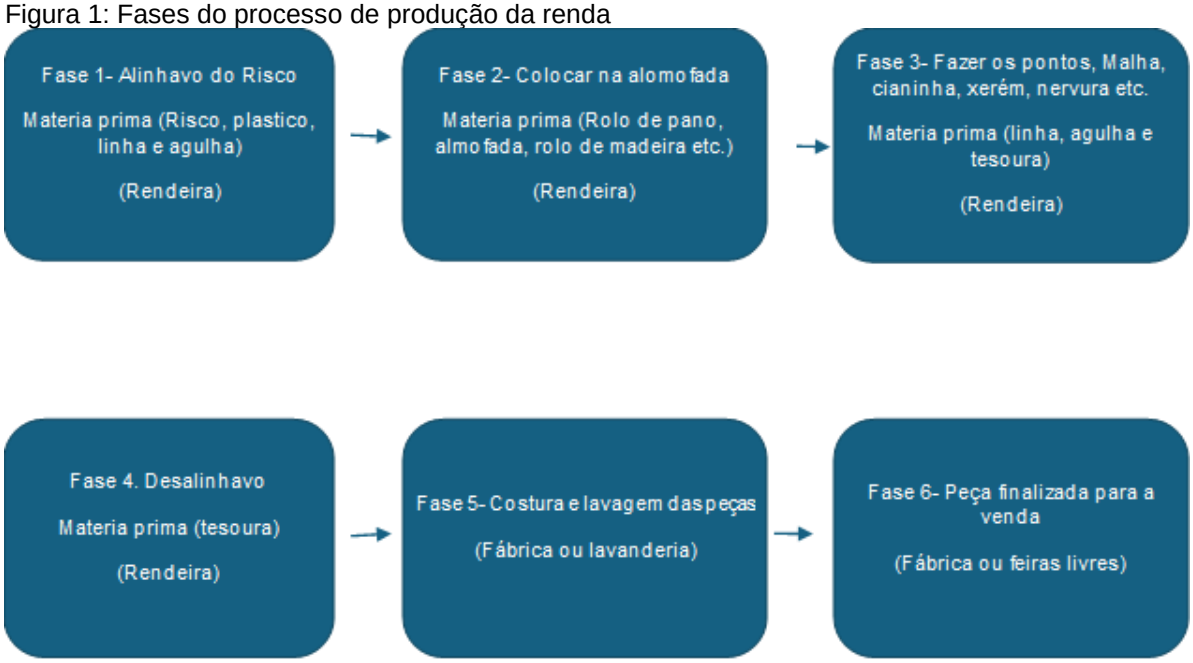
[1]Xérem, ponto feitos nas folhas da renascença, a nervura sobrepõe o Xerém, como um complemento do Xérem. A cianinha é um ponto que imita o formato de um laço, consiste no entrelaçado das duas laterais do lacê, que alinhava todo o risco. A malha é um dos pontos principais da Renascença, ela finaliza toda a Renascença, fechando todos os espaços em aberto, junto com o caseado, que é o ponto feito por toda borda da peça de Renda.

dentro de casa, tanto no fator econômico, como no desenvolvimento no mercado de trabalho de seus familiares, como seus filhos, irmãos e até mesmos netos.

4.2 A organização da produção e do trabalho na Renda Renascença

Essa seção se inicia descrevendo os insumos utilizados para a confecção da Renda Renascença, e como se dá o processo produtivo até a finalização da peça. A figura 1, a seguir, expõe as fases do processo de produção e os materiais utilizados em cada etapa:

Figura 1: Fases do processo de produção da renda



Fonte: autoria própria, 2025

O processo de produção da confecção da renda é dividido por etapas, sua maioria é realizada pelas próprias rendeiras, numa sequência que inicia a partir do alinhavar, tecer os pontos, desalinhavar e, por último, acabamentos de costura e lavagem da peça. Fase 1-Alinhavo do risco, processo realizado pela rendeira. Fase 2-Colocar em uma almofada de pano ou até mesmo em um rolo de madeira. Fase 3-Tecer os pontos (folhas de Xerém, nervura, cianinha, malha etc.), atividade principal realizada pela rendeira. Fase 4-Desalinhavo, tirar a peça tecida do risco anteriormente alinhavado, essa fase pode ser realizada tanto pela rendeira como pela fábrica que vai receber a peça. Fase 5-Costura e lavagem das peças, realizada pela fábrica ou lavanderia especializada no tratamento das peças. E por fim Fase 6- Peça finalizada e pronta para comercialização, esse comércio geralmente é feito pela fábrica ou

intermediários nas feiras livres. Durante a pesquisa, foi possível observar como funciona o processo produtivo realizado pelas rendeiras, tendo o contado direto para bem entender cada processo e seu passo a passo. Em sua maioria as rendeiras realizam o mesmo processo de produção da peça, esse é um processo produtivo simples, exemplificado de acordo com a matéria-prima básica da renascença, mas nos relatos das rendeiras SN 02 e RN 01, podemos observar melhor os detalhes que envolvem o processo da confeção até a peça final, como fica claro nos relatos das rendeiras SN 02 e RN 01:

> Olha, pra fazer a renda, a gente precisa de agulha, linha, lacê e de uma almofada para colocar ela. Essa almofada pode ser de qualquer jeito, só precisa ser um negócio fixo pra gente conseguir colocar a renda nela e ter apoio de colocar no colo. Basicamente, é isso só que a gente precisa para fazer a renda. (rendeira SN 02, entrevista em 29 de março de 2025).
> O processo da renda é bem fácil, depois que você aprende é claro! Eu mesma demorei a aprender, mas depois que peguei a prática ficou fácil aprender os pontos, a parte mais complicada é que você precisa de muita delicadeza e paciência, porque tem ponto que é parecido, mas tem ponto que não. Aí você se perde um pouquinho, mais de princípio fazer a renda é primeiro você pega um risco, minha mãe pegava sempre na fábrica para mim e para ela e pra minha irmã, depois que a gente pegava o risco a gente alinhavava, num saco de plástico mesmo, e depois que a gente terminava de alinhavar, Colocava numa almofada de pano, para a gente conseguir ver bem o risco e os desenhos que tem que acompanhar, e começava a fazer os pontos, primeiro fazia sempre as folhas de Xerém, depois os outros pontos como, abacaxi, cianinha, Lua, aranha e só por último que fazia a malha! E era isso, depois que terminava tirava o alinhavo e levava pra fábrica, lá elas emendavam as peças lavava e engomava, e lá mesmo vendia. (rendeira RN 01, entrevista em 29 de março de 2025).

O processo de criação da Renda Renascença é meticuloso e exige precisão, a utilização da almofada como base demonstra a exatidão e dedicação necessária durante o processo de confecção, onde os fios são tecidos manualmente para formar desenhos delicados e complexos. Esta arte demanda não apenas habilidade técnica, mas também uma paciência extrema, características que são cultivadas e valorizadas no artesanato, em especial nas rendeiras de Pesqueira, as peças resultantes são verdadeiras obras de arte, apreciadas por sua beleza e intricado detalhamento, como podemos observar na Figura 2 abaixo:

Figura 2- Peça de Renascença Finalizada

Fonte: Dados coletados, 2025.

A imagem mostra uma peça de renascença finalizada pela rendeira, na imagem também podemos observar os materiais que por ela é usado, como a linha, agulha, lacê e tesoura. A renascença por ser um artesanato muito delicado, e de alta complexibilidade em seus pontos, demanda muito tempo das rendeiras, sendo necessário também que se tenha muito cuidado com a peça, para não desfiar e não sujar até que a peça chegue nas fabricas, e em alguns casos, as rendeiras se destacam pelo trabalho bem-feito, onde sua renascença é valorizada pelas fabricas ou vendedoras, como foi apresentado pela rendeira MJ 03 durante o seu relato:

> [...], Mas tem um pessoal que ainda traz. Não vou dizer a você que é muito, porque hoje em dia, elas também não querem uma renda feita de qualquer jeito, elas querem uma renda bem-feita! Uma renascença que esteja limpinha, que esteja bem-feitinha, mas aí a maioria quer entregar uma renda de qualquer jeito, aí, claro não tem quem queira, né? Mas tem oportunidade sim, se você for uma rendeira que faça direitinho, que não atrase, que tenha higienizinha certa, quem faz a renascença bem-feita, tem oportunidade sim. (rendeira MJ 03, entrevista em 30 de março de 2025).

Como podemos observar, esses fatores por ela apresentados é um indicador que interfere diretamente na produção e valorização da renascença, e que é de grande importância para a continuidade da rendeira na confecção, apresentando as oportunidades para elas oferecidas, tanto nas fábricas, como também por parte das revendedoras das peças de renda, seja em suas lojas ou bancos de feira. Além disso outro fator importante são as condições de trabalho nas quais as mulheres confeccionam a renda, as rendeiras geralmente produzem a renda sentadas, nos sofás de suas salas, cadeiras ou até mesmo em suas calçadas. Por ser um trabalha demorado muitas das vezes passam horas fazendo, o que pode ocasionar um certo cansaço, mesmo que não tenha sido sinalizado por nenhuma das rendeiras durante

as entrevistas, a partir da observação direta, foi possível perceber que o fato de ficar na mesma posição por muito tempo pode ocasionar dores na coluna, como podemos observar na Figura 3:

Figura 3 – Rendeira fazendo a Renascença

Fonte: Dados coletados, 2025.

Como podemos ver, a rendeira permanecer nessa posição por um longo tempo, muitas vezes por horas e sem nenhum descanso. Isso acontece principalmente quando é exigido pelas fábricas ou vendedoras da renda um prazo para entregar a peça, nesse caso as que são feitas por encomenda, e que estão próximas ao prazo de entrega. Isso demostra o quanto é importante o trabalho da rendeira, e de como ela se molda dentro do seu lar para conseguir confeccionar a renda e dar contas dos seus afazeres diários. E ainda é importante atentarmo-nos para a relação entre as rendeiras e as fabricas e vendedores das peças, e de como essa relação se assemelham ao do mercado formal, da relação trabalhador e empregador, sendo que no caso da confecção as rendeiras não têm direitos assegurados por uma categoria ou até mesmo um salário fixo.

Nas entrevistas com as rendeiras, foi possível perceber que as tarefas são dividias de acordo com uma hierarquia, entre as rendeiras e as fábricas que recebem as peças prontas, onde as rendeiras ficam responsáveis pela confecção da peça e as fábricas ou até mesmos intermediários, pela finalização e comercialização das peças de renda. As rendeiras no geral ficam responsáveis pela parte da confecção da peça,

que é a parte mais complexa da renda, já as fabricas e os intermediários são responsáveis pela lavagem, costura e comercialização das peças prontas, essa relação pode ser caracterizada como relação empregado e empregador, mas de forma informal por não possuir vínculo empregatício entre as rendeiras e as fabricas que recebe e vede as peças.

Durante a análise outro fator que surgiu e traz breves reflexões para o estudo, está relacionado ao nível de escolaridade das rendeiras, e como esse é um fator que interfere diretamente na sua inserção do mercado de trabalho, formal ou informal. Em alguns casos, a depender de uma interpretação totalmente individual, pode se tornar uma característica que pode ou não valorizar ou desvalorizar o artesanato da renda Renascença na região. Fazendo uma revisão aos temas mencionados anteriormente, foi possível destacar uma análise feita por Hirata (2002), onde ela traz dois pontos que são extremos nessa observância, por lado se tem profissionais que são altamente qualificados, com salários bons no contexto de mão de obra feminina, e em outro extremo, temos as trabalhadoras que são colocadas como, de “baixa qualificação”, e que tem tarefas de pouco reconhecimento e remunerações baixas, no caso das rendeiras em algumas entrevistas podemos refletir sobre essa questão em relação a sua qualificação profissional, como foi apresentado pela entrevistada ST 04:

> Tem oportunidade sim em outros empregos por aqui, na verdade aqui não né, na cidade. Mas no geral é mais pra quem é formado e não tem filhos, pra gente assim que é casado é com filhos as oportunidades são poucas a meu ver. (rendeira ST 04, entrevista em 29 de março de 2025).

Como podemos observar a qualificação profissional pode estar ligada diretamente ou indiretamente a ocupação da mulher no mercado de trabalho. O que nos leva a refletir sobre o debate da divisão sexual do trabalho, um marcador social muito debatido quando falamos sobre o trabalho feminino, essa divisão pode se manifestar em diversos ramos e setores, até mesmo no artesanato, gerando situações e experiências diferentes para homens e mulheres no mercado de trabalho, levando a refletir o fato de que, a divisão sexual do trabalho vai além da linha de pensamento de que a mulher, que tem filhos e é dona de casa esta fadada apenas a vivenciar as experiências domésticas, e é posteriormente afastada do mercado de trabalho. Trazendo a partir disso o debate sobre essas diferenças em um contexto regional, onde as desigualdades de gênero também advertem sobre as dificuldades que cada região do País enfrenta, em suas diferentes regiões, “observa-se que no Norte e Nordeste, as condições de trabalho e vida da população masculina e feminina são

mais precárias e difíceis do que em determinadas regiões” (Sardenberg, 2004). O que pode ser caracterizado como um fator que desvaloriza o trabalho, no caso pesquisado das rendeiras na zona rural de Pesqueira-PE, conforme o relato da rendeira RN 01 ,“*olha pra ser bem sincera, a renda aqui já foi bem mais valorizada, para Pesqueira que é a Terra da Renascença, a renda está bem desvalorizada. Porque em Poção tem muito mais rendeiras e muito mais comércio do que aqu*i”, o que seria uma questão regional perceptível, porém direcionada diretamente a uma localidade específica, já que a cidade de Poção em questões territoriais também faz parte da região do nordeste.

Trazendo a análise onde a questão da desvalorização do artesanato vai além de uma questão regional, mas também pode ter outros agravantes que influenciam diretamente, como fatores econômicos, sociais e de oportunidade de mercado, podendo observar esses fatores mesmo que de forma menos ampla nos relatos das rendeiras SN 02 e ST 04:

> Minha filha, eu acredito que não, viu! A desvalorização vem mesmo do pessoal que vende. Da cidade também, porque antigamente, né, se tinha feira, se tinha festa, se tinha um monte de coisa que ajudava a valorização da renda. Tinha fábrica que pegava muita renda, hoje em dia, tá desvalorizada, assim, pelo pessoal que vende, né, que é o pessoal que vende lá fora caro! E pra nós, é repassado o preço muito barato. Então, essa desvalorização aí, vem dos comerciantes. E não acho que seja porque é feita por mulher, não! Porque só é mesmo as mulheres mais que fazem aqui na região, nunca se vê um homem fazendo a renascença, é muito difícil ver um homem que faz renda. (rendeira SN 02, entrevista em 29 de março de 2025).
> Eu acho que é mais desvalorizado aqui em Pesqueira, de verdade mesmo. Por que lá em poção tem muita renderia que faz minha irmã diz, e não é que aqui não tenha, mulher que faz tem! Mas não tem quem forneça o material pra gente. Por que veja meu caso, eu só faço por que minha irmã é de lá de poção e arruma pra mim, se fosse depender daqui eu não fazia! (rendeira ST 04, entrevista em 29 de março de 2025).

Podemos observar então que as entrevistas realizadas com as rendeiras revelaram um panorama rico e multifacetado da prática artesanal da Renda Renascença, com destaque para a história das mulheres envolvidas nesse processo. Muitas das participantes em seus relatos apresentaram que a atividade de confeccionar renda é uma tradição que é transmitida em suas famílias, a técnica de Renda Renascença é um símbolo cultural da região pernambucana, e tem sido mantida ao longo dos anos, não apenas como uma forma de sustento, mas também como um símbolo de identidade local. No entanto a realidade do mercado de trabalho no qual essas mulheres estão inseridas apresentam desafios significativos, como a falta de valorização, oportunidades de inserção e as dificuldades de acessar mercados

mais amplos são barreiras constantes para as artesãs. De acordo com as entrevistas, muitas das participantes mencionaram que a renda que produzem tem sido cada vez mais desvalorizada no mercado, e o preço pago pelo trabalho artesanal não é condizente com os esforços e as habilidades investidas na confecção das peças, além disso, as participantes indicaram que as oportunidades de profissionalização e capacitação são escassas, o que limita o crescimento pessoal e coletivo.

4.3 Dificuldades enfrentadas pelas rendeiras na confecção da Renda Renascença e os desafios apontados por elas que interferem na sua continuidade

Cada vez mais as mulheres vêm buscando o seu espaço no mercado de trabalho formal e informal. Quando falamos de uma atividade específica, como é no caso do artesanato, podemos observar em sua maioria que as mulheres são protagonistas nesse mercado, a sua participação vem desde o início da criação do conceito de artesanato e tem continuidade até os dias atuais, sendo um ofício que ao longo do tempo vem sendo repassado, no entanto são diversas as dificuldade e desafios que os artesãos enfrentam. Em Albani (2020), aponta que um dos maiores desafios para as rendeiras é a comercialização das suas peças, antes as rendeiras da região e localidades vizinhas realizavam expedições para outras cidades, com o objetivo de oferecer as peças, anteriormente as feiras livres também eram maiores e atuavam não somente como ponto de comercialização, mas também era um fator importante na valorização das peças e cultura da cidade. Esses desafios foram apontados nos relatos das rendeiras durante a pesquisa, como algo que influencia diretamente na valoração e desvalorização da confecção da renda no artesanato local, como podemos ver nos relatos das rendeiras SN 02, MJ 03, e RN 01:

> Minha filha, eu acredito que não viu! A desvalorização vem mesmo do pessoal que vende na cidade também, porque antigamente né, se tinha feira, se tinha festa, se tinha um monte de coisa que ajudava né, a valorização da renda. Tinha fábrica que pegava muita renda. Hoje em dia, tá desvalorizada, assim, pelo pessoal que vende né, que é o pessoal que vende lá fora caro e pra nós, quer repassar o preço muito barato. Então, essa desvalorização aí vem dos comerciantes [...]. (rendeira SN 02, entrevista em 29 de março de 2025).
> Agora isso aí sim, existe desvalorização! Porque mesmo a gente fazendo tanto, tem rendeira aí que vende a peça muito barato. Não é que eu estou reclamando da menina que eu vendo, mas eu ainda acho muito barato o preço que ela paga pra mim. E eu sei que lá fora ela vende mais caro, eu sei que quando ela termina a peça, ela vende a peça de 500, até peça de mil reais, e pra gente é um preço muito mais barato, a gente demora muito tempo fazendo, a gente às vezes vira à noite, como eu lhe falei, pra terminar a peça. E ainda assim, é um serviço que é tão mal pago. E aqui na cidade de Pesqueira, a gente não vê tanta gente que vende, muitas das vezes, quem compra é lá fora. Então, o próprio pessoal aqui não valoriza, até as rendeiras mesmo aqui, às vezes, não valorizam as peças que ela mesmo faz. Prefere comprar outras coisas, do que a própria renda. (rendeira MJ 03, entrevista em 30 de março de 2025).
> Olha pra ser bem sincera, a renda aqui já foi bem mais valorizada, pra Pesqueira que é a Terra da Renascença, a renda está bem desvalorizada. Porque em Poção tem muito mais rendeiras e muito mais comércio do que aqui. (rendeira RN 01, entrevista em 29 de março de 2025).

Aqui podemos observar a partir desses relatos, que as questões econômicas é um forte agravante e que contribui na valorização da renda e de sua comercialização, tendo um impacto negativo na vida dessas rendeiras, já que enfrentam as dificuldades do mercado, através dos comerciantes que atuam como intermediários entre essas artesãs e os consumidores. Contudo, para Menezes (2022), o Artesanato Brasileiro é considerado um setor importante para a economia, onde seu crescimento possui alto potencial de geração de trabalho e renda. A Partir disso, trazendo um debate em relação a essas dificuldades por elas enfrentadas no mercado de trabalho em geral, e em seu desenvolvimento na confecção, a partir de um olhar sobre os marcadores sociais de cor, raça, gênero e classe social, e de como eles tem influenciado nas questões da desvalorização da renda Renascença em determinada região.

Os estudos de Cobo (2024), leva em consideração outros elementos que contribuíram para as desigualdades históricas do mercado de trabalho e as diferenças ocupacionais entre homens e mulheres, sendo ainda mais agravante quando se trata de mulheres negras ou pobres. Durante os relatos das rendeiras MT 10 e ES 08, foi possível perceber como o fator gênero pode influenciar na questão da desvalorização, a partir de uma opinião particular, como das rendeiras MT 10 e ES 08, pontuaram em seus relatos:

> Eu acho que desvaloriza ser feita só por mulher, porque se fosse feita por homem também, talvez fosse cobrada mais cara! Como só é feita por mulher,

> que tem pouco tempo para fazer, que tem que ficar cuidando da casa, não tem outro serviço, ou até tem, mas não é um serviço grande lá fora, aí é mais desvalorizada. Se tivesse mais homens na confecção, eu acredito que seria mais valorizada. Mas o povo tem um preconceito de que homem não pode fazer[...] (rendeira MT 10, entrevista em 30 de março de 2025).
> A maioria das pessoas que eu conheço que fazem a renda são mulheres. Aqui em casa, mesmo, quando minha mãe começou a ensinar minhas irmãs, todas aprenderam. Eu tenho um irmão, né? Como eu te falei, minha mãe até incentivava a ele fazer também quando ele era mais novo, mas ele nunca quis aprender. Não sei se por um preconceito de que quem faz a renascença é a mulher e que menino não pode fazer essas coisas, mas ele não queria fazer. Então, minha mãe não insistia muito, mas as meninas, além da influência da nossa mãe, a gente também tinha a vontade de fazer pra ter nosso próprio dinheiro, então, eu acho que ela ser confeccionada por mulheres, só devia valorizar mais ainda. Mas acredito também, que se homens fizesse, talvez o mercado aqui em Pesqueira fosse melhor. Porque aí seria um artesanato que era feito tanto por homens quanto por mulher. E talvez tivesse uma valorização a mais, e tivesse mais lugar pra vender, tivesse mais acessibilidade na feira e tudo mais, entende? (rendeira ES 08, entrevista em 30 de março de 2025).

A partir do relato delas podemos pensar como essas diferenças de inclusão no mercado de trabalho, atrelados ao fator social de gênero, contribuíram ao longo da história na desvalorização devido a divisão de trabalho entre homens e mulheres, demostrando o quanto isso pode ser prejudicial ao desenvolvimento pessoal, mas também ao desenvolvimento do artesanato em Pesqueira. Para uma melhor compreensão a partir de outros dois relatos, foi possível observar como a participação de homens na confecção da renda, contribuem para o desenvolvimento e valorização da Renascença, e como esse pode ser um fator positivo, como foi pontuado pela rendeira ST 04 em seu relato:

> No meu ver eu acho que sim, porque vê só, lá em poção tem um monte de homens que trabalha na confecção, na parte de engomar e lavagem das peças, nem sempre é na renda mesmo fazendo os pontos, mas só pelo fato dela estarem na fábrica lá a confecção é muito maior, é o que eu acho. (rendeira ST 04, entrevista em 29 de março de 2025).

Apesar do protagonismo das mulheres no artesanato, Souza (2020), sinaliza que com o maior envolvimento dos homens no ofício, podemos observar a perda do espaço da mulher no artesanato justamente quando a atividade artesanal adquire um aspecto de negócio. Outro ponto a ser colocado também é a questão de a renda Renascença ser um artesanato delicado e que é necessário paciência e muito cuidado, fazendo essa junção entre os fatores que motivam os homens a participarem do artesanato e as habilidades necessárias para a confecção da renda, o que em alguns casos podem ou não ser colocado como um ponto positivo ou negativo, dependendo do contexto no qual será inserido. Na pesquisa foi possível perceber que

ao mesmo tempo que algumas rendeiras veem essa possível participação como algo positivo, outras rendeiras demostraram uma certa indiferença a essa participação, como foi identificado a partir do relato da entrevistada MJ 03:

> [...] Minha renascença quando eu comecei a fazer, ela sempre era muito elogiada, que diziam que eu fazia muito bem-feito, que era delicado, e um monte de coisa. E não é com preconceito não, mas eu não sei se um homem fazendo, ia fazer do mesmo jeito, ia ter a mesma delicadeza do trabalho, a mesma paciência, até mesmo de ficar muito tempo sentado, que a gente sabe que eles não têm essa paciência de esperar. Então, eu acho que ser feita como mulher valoriza sim. Porque é um serviço que só a gente que sabe fazer bem-feito! Não dizendo que outras pessoas não possam fazer bem-feito, mas a gente que é mulher, a gente tem uma delicadeza a mais, a gente tem uma paciência a mais para fazer a renda. (rendeira MJ 03, entrevista em 30 de março de 2025).

Diante do relato da rendeira podemos observar que por parte de algumas rendeiras existe ainda uma certa oposição a essa participação direta a confecção da renda, o que pode ou não se aplicar ao processo produtivo completo da confecção da renda, já que temos como exemplo a confecção da renda na cidade de Poção, onde pode-se perceber a participação de homens durante esse processo. São pensamentos distintos, que levam a pensar de como os conceitos atrelados ao artesanato podem ser complexos, a partir de uma análise pessoal de cada entrevistada e de como essas diferentes realidades podem trazer novos conceitos, tanto para os artesões como para o mercado de trabalho.

Outro debate que é importante trazermos para o presente estudo, é em relação a participação das novas gerações e de como eles tem contribuído para a continuidade desse artesanato. Com os avanços tecnológicos fica cada vez mais difícil a participação de jovens e crianças na confecção da Renascença, sendo esses fatores geracionais que se fazem presentes não só na renascença como em outros artesanatos pelo Brasil, mas quando se trata da Renascença podemos observar esse desinteresse ainda mais forte. Trazendo um alerta de que o artesanato da Renda Renascença aos poucos vai perdendo o espaço nas novas gerações, e que no futuro se não houver meios que incentivem essa cultura, aos poucos ela irá submergindo ao contexto de atividade apenas com fins econômicos e não como algo que traz uma bagagem histórica. A cultura pernambucana é muito rica, e se faz presente em diversas manifestações, se faz presente nas suas expressões artísticas e no artesanato local, apresentam as relações entre os seres humanos e suas tradições, e através das mãos dos artesões, a matéria prima é transformada em arte, registram o

modo de viver de um povo e a partir da criatividade na produção artesanal surgem as mais diversas expressões Artesanato de Pernambuco (2019).

No processo de produção da Renascença não é diferente, as mãos das rendeiras produzem verdadeiras obras de arte, a renda é de uma extrema delicadeza e beleza nos mínimos detalhes, por isso as rendeiras relatam que é necessário de muita paciência e cuidada na sua confecção, a partir dos relatos das rendeiras MT 10, LM 07 e ES 08, podemos compreender melhor como se dá esse processo a partir de seus relatos:

> A renda, parece muito com o bordado, a diferença é que o bordado é no pano e a renda a gente faz no risco. Mas a linha é bem pequenininha também, uma linhazinha fina! A gente usa linha, agulha, e tesoura pra cortar, ai precisa da almofada pra apoiar o risco, pra gente colocar no colo. Porque é melhor pra gente fazer a renda, a gente faz sentado, então a gente usa né? Linha, agulha, tesoura e vai tecendo os pontinhos bem pequenininhos com a linha bem fininha. até a gente preencher o risco, todo. (rendeira MT 10, entrevista em 30 de março de 2025).
>
> Pra você fazer a renda precisa ter muita paciência e cuidado, porque é demorado pra faze ela todinha. Você começa pelo alinhavo, esse não demora muito não! Agora pra fazer os pontos ai é mais demorado. Quando você termina os pontos tudinho é que você faz a malha, a malha também e ligeiro pra fazer, depois que termina a malha tá pronta a renda. Tem rendeira que faz primeiro a malha, mas eu não gosto, prefiro fazer a malha por último. (rendeira LM 07, entrevista em 30 de março de 2025).
>
> O processo de produção da renda, a gente começa no alinhavo. A gente alinhava o Lacê no risco, o risco vem desenhado com os pontos que a gente precisa fazer. Depois que a gente alinhava, a gente começa a fazer os pontos né! Tem muitos pontos, eu sei a maioria, mas tem uns que eu não conheço ainda. O passo a passo é você pegar a linha, você bota a linha na agulha, depois você começa fazendo como se fosse uma amarração dos pontos, vai tecendo acompanhando o desenho, então você vai tecendo a Renascença até acabar tudo. (rendeira ES 08, entrevista em 30 de março de 2025).

A renascença é um artesanato que traz um peso em sua história, a cidade de Pesqueira se consolidou como um lugar importante na preservação da técnica da Renascença, que é reconhecida como patrimônio imaterial nacional, no entanto as condições de trabalho enfrentadas pelas artesãs são desafiadoras, marcadas por longas jornadas de trabalho e remuneração inadequada (Cobo, 2024). A renascença é feita pelas mãos das rendeiras nordestinas, e vão repassando de geração em geração, a agulha e linha borda o lacê, que se transforma posteriormente em toalhas, colchas, vestidos, blusas, acessórios, entre tantos outros itens. As peças produzidas a mão têm traços marcantes, predominando seus pontos próprios entrelaçando-se. Tradicionalmente é feita em tecido branco, porém aqui no Nordeste é feita também nas cores preta, marrom, laranja, azul etc. As imagens abaixo apresentam as diversas peças existentes e que foram confeccionadas pelas rendeiras:

Figura 4- Vestido de Renascença

Fonte: Dados coletados, 2025.

Figura 5 – Aplicação de Renda em Toalha

Fonte: Dados coletados, 2025.

Contudo o artesanato pode ser considerado um mercado muito amplo, e que cria muitas oportunidades principalmente aqui no Brasil, um exemplo que temos é o artesanato do Barro no Alto do Moura em Caruaru, que agrega não só mulheres, mas também homens, e que tem se desenvolvido em larga escala, justamente pela grande

participação de mulheres, homens, criança, jovens etc. Apesar disso o artesanato de Barro no Alto do Moura também enfrenta as suas dificuldades, relacionadas a sua comercialização e problemáticas próprias do seu artesanato. Essas realidades tanto do artesanato do Alto do Moura, como das Rendeiras em Pesqueira, só apontam para a importância de discussões que sejam voltadas as organizações que buscam transformar a realidade desses que praticam e vivem o artesanato brasileiro, indo além de uma perspectiva econômica, mas sim partindo para a valorização das expressões culturais e preservação das suas histórias e vivencias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca para entrelaçar os fios que tecem a Renascença identificando o perfil e vivencias dessas mulheres, simboliza as condições femininas na qual as mulheres estão expostas em seus lares, em um contexto doméstico havendo o desgaste do corpo e muitas das vezes seus esforços não são valorizados na esfera familiar. Indo além do trabalho manual, a renda Renascença transcende as experiencias vividas pelas mulheres da Zona rural de Pesqueira, trazendo os ensinamentos da Renascença ao longo das gerações, cultivando o seu significado e seus ganhos para os membros da sua família. Ao que se diz respeito a organização do trabalho Hirata (2002), sinaliza que o trabalho manual e repetitivo é prevalente e atribuído as mulheres, a partir daí surge o conceito do artesanato ser considerado como “coisa de mulher”. O estudo traz essa característica predominante de forma clara, onde é relatado de acordo com as experiencias das próprias rendeiras, ficando perceptível como essa é uma realidade ainda persistente.

As particularidades da produção artesanal da Renda Renascença apresentam-se limitadas, necessitando de força de trabalho humana, que é realizada por essas mulheres e em muitos casos não tem os seus esforços reconhecidos, e que de certa forma não são autovalorizadas. Para algumas pessoas o artesanato pode ser apenas um meio de aquisição financeira, mas para outros, vai além e ultrapassa os limites que podem ser colocados na confecção desse artesanato. No caso das rendeiras em Pesqueira-PE, trata-se de uma identidade e valorização de uma cultura que já perdura por anos, por se tratar de um artesanato delicado e que é necessário dedicação e paciência, torna-se ainda mais nítido a entrega de suas habilidades por parte dessas a rendeiras. A grande questão consiste em lidar com um sistema que frequentemente ainda é regido por desigualdades de acesso ao mercado de trabalho na esfera feminina e divisão das atividades domésticas, de qualquer maneira, ao trazer o debate sobre gênero como elemento estrutural para a análise, foi possível revelar o trabalho artesanal através dos princípios da divisão sexual do trabalho e da divisão social, revelando as potencialidades e superação que essas mulheres passaram ao longo de sua história.

A pesquisa aponta para a importância da valorização do trabalho feminino principalmente na confecção da Renda Renascença, a conciliação entre artesanato da Renascença e o trabalho doméstico é fundamental para a compreensão do

trabalho artesanal, atividade que traz remuneração dentro da esfera familiar, apesar disso, observamos durante o estudo que mesmo o artesanato estando inserido dentro da esfera familiar, cada vez mais as novas gerações apresentam desinteresse em dar continuidade a essa tradição. No entanto há muito ainda para se refletir, como o fato das mulheres que confeccionam a Renascença não usufruírem de suas próprias peças, seja isso pelo fato de serem alheias as suas condições financeiras, ou até mesmo um reconhecimento de sua parte do artesanato confeccionado por elas mesma, um reconhecimento que seria de extrema importância para a valorização das peças, por ser um trabalho tipicamente feminino, por sua vez o artesanato não conseguiu ainda fazer com que essas mulheres reconheçam sua própria identidade feminina através de suas peças de Renascença.

Por fim, o estudo permitiu a compreensão do perfil das mulheres que estão inseridas na confecção da renda, e os marcadores sociais que mais se destacam em suas histórias, e de como isso tem gerado impacto mediante a produção desse artesanato. Tendo em vista essas considerações, algumas questões surgiram, como a necessidade de dinâmicas nos espaços de comercialização, como feiras e comércio mais amplo, que possam construir um mercado mais consolidado e que gere mais oportunidade para essas rendeiras e de como as políticas públicas voltadas ao desenvolvimento social podem reconhecer a atividade artesanal da Renascença como uma atividade econômica que ajuda no desenvolvimento da cidade, desenvolvendo meios que tragam mais conhecimento para essas rendeiras como, eventos, cursos, palestras e associações, fazendo suas articulações entre o mercado da região e as rendeiras. Mediante isto uma sugestão para estudos futuros, é em relação a inserção dessas novas gerações na confecção da Renascença, de como essa herança histórica pode ser cultivada a partir do enfrentamento desses desafios enfrentados pelas rendeiras atualmente, levando a reflexão de como o trabalho feminino atrelado aos marcadores sociais, podem ser uma ferramenta no combate para o enfrentamento dessas dificuldades.

REFERÊNCIAS

ALBANI, Márcio Monticelli et al. Renda renascença e renda irlandesa: contextos de produção nas associações de artesãos da região Nordeste do Brasil. ModaPalavra e-periódico, v. 13, n. 30, p. 118-150, 2020.

ALBUQUERQUE, Else de F.; MENEZES, Marilda. O valor material e simbólico da renda renascença. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 461-467, 2007.

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda. Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. 2014.

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres: arte, artesanato, design. Revista Trama Interdisciplinar, 2016.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, p. 179-199, 1994.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquis**a, p. 67-104, 2000.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 537- 572, 2007.

COBO, Barbara; OLIVEIRA, Beatriz Menezes Marques de. **Desigualdades no mercado de trabalho brasileiro: uma proposta de conceituação e mensuração do trabalho precário sob a lupa da interseccionalidade**. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 41, p. e0260, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbepop. Acesso em: 8 fev. 2025.

COBO, Barbara; OLIVEIRA, Beatriz Menezes Marques de. Desigualdades no mercado de trabalho brasileiro: uma proposta de conceituação e mensuração do trabalho precário sob a lupa da interseccionalidade. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 41, p. e0260, 2024.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa-: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2007.
DA SILVA, Lisiana Lawson Terra. Mulheres e o mundo do trabalho: a infindável dupla jornada feminina. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, v. 3, n. 1, p. 120-131, 2019.

DA SILVA, Roseane Amorim; DE ARAÚJO MENEZES, Jaileila. A interseccionalidade na produção científica brasileira. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 4, p. 1-16, 2020.

HIRATA, Helena. Entrevista: Helena Hirata. Trabalho, Educação e Saúde, v. 4, n. 1, p. 199-2003, 2006.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, p. 139-156, 2002.

MENEZES, Rebecca; CONTINO, Joana. Artesanato Brasileiro e Design: possibilidades de colaboração. Revista ADM. MADE, v. 26, n. 3, p. 33-44, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. organizadora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 2002.

ODELLI, Bruna Lopata et al. Mulheres no Mercado de Trabalho Brasileiro: avanços, desafios e a construção da igualdade substantiva. 2024.

PAULINO, Suzana Ferreira. Ensino-aprendizagem da renda renascença como processo de inclusão socioeconômica em Poção-PE. dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, n. 33, p. 229-249, 2021.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. O trabalho feminino no Brasil: desigualdades de gênero e contrastes regionais. 2004.

SÁ, Marcio et al. O artesanato como negócio periférico: esboço de instrumento teórico-epistêmico e análise multidimensional no caso do Alto do Moura-PE. Artigo apresentado no XLIV Encontro da Anpad–EnAnpad, 2020.

SOUZA, D. C. et al. Onde Estão As Mulheres? Os Lugares Das Artesãs Na Comunidade Do Alto Do Moura-PE. XLIV ENCONTRO DA ANPAD-EnANPAD, 2020.

VERGARA, Sylvia C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2000. Disponível em: Sylvia Vergara – Projeto de Pesquisa em Administração.pdf Acesso em: 16 Mar. 2025.

VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa. **São Paulo: Atlas**, v. 34, p. 38, 2006. https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato/conheca-o-pab/programa-do-artesanato-brasileiro-pab-1. Acesso em 08 de Fevereiro de 2025.

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista semiestruturada

01.Você pode se apresentar brevemente, dizer seu nome, gênero, a idade, se é natural de Pesqueira, seu estado civil, se tem filhos, a cor/raça com a qual você se identifica e nível de escolaridade.

02. Há quanto tempo você iniciou a confecção da renda? E como você aprendeu esse artesanato? Pode contar essa história?

03. Existem muitas pessoas da sua família que confeccionam a renda? Pode contar como isso acontece?

04. Qual é o tipo de renda que você produz? Você poderia explicar como funciona o processo de produção? Como é o passo a passo?

05. Na confecção da renda, quais são os instrumentos de trabalho usados? (agulha, linha, máquina)

06. Qual é a quantidade de peças produzidas e para quem você produz? Em média, a peça fica pronta em quantos dias?

07. Você faz parte de algum grupo de renderias que confecciona a renda ou trabalha individualmente? Por que fez essa escolha?

08. Se trabalha em grupo, como você e as renderias se dividem entres as funções durante o processo produtivo da renda?

09. Qual é o preço cobrado por você por peça? Como você define o preço?

10. Existe alguma pessoa que faz a ligação entre você(s) e as lojas que vendem as peças prontas?

11. De modo geral, quais são as vantagens e desvantagens de trabalhar na confecção da renda? E na atualidade, quais são as maiores dificuldades?

12. Na sua opinião, existe valorização e/ou desvalorização do artesanato da renda na região? Em quais situações?

13. O fato de a renda renascença ser confeccionada na maioria dos casos por mulheres influencia na valorização e/ou na desvalorização desse artesanato? Em quais situações?

14. Como você percebe a participação na confecção da renda de crianças/ jovens/pessoas mais velhas, de mulheres/homens/transgênero e de pessoas negras?

15. Você já passou por alguma situação desagradável em que foi hostilizada por causa da sua raça, cor, idade e pelo fato de ser mulher?

16. Você já presenciou alguma situação em que alguém sofreu algum tipo de discriminação? Pode relatar?
17. De modo geral, como você enxerga as oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho da região?
18. Qual é a sua maior motivação para continuar na confecção da renda?